

O resgate de uma psicanalista esquecida

Marcelo Amorim Checchia¹

RESENHA DO LIVRO:

CROMBERG, Renata Udler. **Sabina Spielrein**: uma pioneira da psicanálise. São Paulo: Livros da Matriz, 2014.

1 UMA PSICANALISTA ESQUECIDA

Sabina Spielrein – uma pioneira da psicanálise é um livro muito importante para a comunidade psicanalítica brasileira. Trata-se do primeiro volume das obras completas de Sabina Spielrein, uma psicanalista de origem russa, que fez sua formação inicial na Suíça com Jung e, posteriormente, com Freud em Viena, tornando-se membro da Sociedade Psicanalítica de Viena em 1911. Essa é a primeira edição em língua portuguesa, com traduções feitas diretamente do alemão, a qual reúne seus textos.

O livro ainda não se limita à reunião dos textos de Spielrein. É também resultado de uma ampla e profunda pesquisa de doutorado de Renata Cromberg, organizadora do livro, sobre a vida e a obra da psicanalista russa. Por isso, os primeiros capítulos, que são de autoria da organizadora, são dedicados principalmente à contextualização da vida e dos escritos de Sabina Spielrein.

¹ Psicanalista, pós-doutorando em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo, autor de *Poder e política na clínica psicanalítica* (Annablume, 2015), organizador de *Combate à vontade de potência* (2016), um dos organizadores da edição brasileira das *Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena* (Scriptorium, 2015) e da primeira coletânea dos escritos psicanalíticos de Otto Gross: *Por uma psicanálise revolucionária* (2017). Telefone: (11) 99530-4349
e-mail: checchia@gmail.com

No primeiro capítulo, Cromberg conta-nos um pouco da história do achado arqueológico de Carotenuto (psicólogo junguiano italiano) na década de 1970 e dos documentos (textos, cartas e diário) de Spielrein. Tamanho foi o valor de tal descoberta que logo se levantaram questões sobre os motivos de seu esquecimento. Cromberg anuncia então que pretende tratar dessas questões, dos documentos e dos textos de Spielrein em sete eixos organizadores ao longo dos três volumes: (1) o das proximidades de *Além do princípio do prazer* (1919), de Freud, com *A destruição como origem do devir* (1911), de Spielrein; (2) o do papel de pivô de Spielrein na ruptura entre Freud e Jung e seus desdobramentos teóricos e clínicos; (3) o do pouco reconhecimento recebido por suas contribuições clínicas e teóricas; (4) o de suas contribuições quanto ao campo da psicose, tanto na condição de psicanalista, como também na de paciente; (5) o da querela diagnóstica envolvendo seu próprio caso enquanto paciente; (6) o de seus estudos e elaborações referentes à teoria da linguagem (antecipando alguns pontos que foram trabalhados posteriormente por Lacan!); (7) o da análise das referências biográficas e historiográficas de Freud para tentar compreender a ausência de Spielrein em obras dos historiadores da psicanálise. Esses sete eixos são, evidentemente, inter-relacionados e, por esse motivo, não são abordados de maneira linear e vão aparecendo mescladamente em cada capítulo.

Em seguida, no segundo capítulo, Cromberg faz uma breve, mas rica, biografia de Spielrein. Há tantos dados interessantes que é difícil escolher alguns para destacar. Além de nos dar informações sobre a infância de Sabina que esclarecem alguns pontos de seu “caso” enquanto paciente, Cromberg relata como se deu seu encontro com a psicanálise. Spielrein foi internada em Burghölzli, hospital onde Jung trabalhava, com um quadro sintomatológico grave. Foi com ela que Jung experimentou tratar pela primeira vez um paciente conforme o método psicanalítico. Foi uma análise intensa, que perdurou dez meses entre 1904-1905. Os efeitos foram muito significativos e logo ela iniciou o curso de medicina. Ao longo do curso, ela se tornou um misto de colega (ajudava Jung em suas pesquisas), amiga e, ainda, paciente de Jung. Em 1909, eles iniciaram um caso amoroso que veio a abalar a história da psicanálise (há indícios, segundo Cromberg, de que esse caso amoroso foi um dos aspectos determinantes na ruptura entre Freud e Jung), cul-

minando em uma intervenção de Freud para resolver o conflito que se instaurou entre os dois, já que Jung não queria se desfazer do casamento. Em 1911, ela se tornou a primeira mulher da história a defender um doutorado a partir de um tema psicanalítico. Nesse mesmo ano, foi também a segunda mulher a se tornar membro da Sociedade Psicanalítica de Viena. Seu valor, porém, está muito além desse pioneirismo feminino. Sua importância está especialmente naquilo que ela produziu no âmbito clínico e teórico e no seu papel de inserção da psicanálise na Rússia. Spielrein conseguiu, em 1923, algo que Freud almejava bastante na década de 1910: fazer a psicanálise ser incorporada pelo Estado. Ele teve um papel fundamental no Instituto Estatal de Psicanálise e no Instituto Psicanalítico de Moscou (este veio a ser considerado o terceiro instituto, depois do de Viena e de Berlim, de formação de psicanalistas reconhecido pela IPA).

O fim trágico de sua vida é relatado no terceiro capítulo. Sabina Spielrein morreu em 1942, exterminada pelos nazistas que invadiram a União Soviética. Além de contar detalhes dessa triste história, Cromberg relativiza as diferentes hipóteses – que passam pela querela diagnóstica – a respeito do fato de Spielrein não ter fugido dos alemães.

O quarto capítulo é, a meu ver, o ponto alto de toda essa rica contextualização de quem é Sabina Spielrein e do valor de sua obra. Renata Cromberg (p. 61) recorre a cinco fontes principais:

[...] a constituição histórica das diretrizes de tratamento na Clínica Burghölzli, as cartas trocadas entre Freud e Jung, os primeiros escritos de Jung, os comentários clínicos de Jung encontrados nos registros do Hospital Burghölzli, em Zurique, e o ensaio da própria Spielrein, publicado em 1913, *Contribuições para o conhecimento da alma infantil*.

Para investigar o período da internação até a publicação de sua tese de doutorado, *Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia* (1911). Nesse capítulo, são discutidos quase todos os sete eixos indicados inicialmente pela organizadora, evidenciando o protagonismo de Spielrein entre os primeiros psicanalistas.

Creio que apenas um ponto em relação à querela diagnóstica poderia ter sido mais desenvolvido nesse capítulo. Embora Cromberg conte os detalhes dessa querela, sua análise poderia ser ainda mais rica se trabalhasse mais hipóteses sobre a mudança do diagnóstico efetuada por Jung. Penso isso porque Jung não fez essa alteração apenas com Spielrein (o que talvez não fosse de conhecimento da autora); isso também ocorreu em relação a Otto Gross – outro psicanalista esquecido na história da psicanálise. Curiosamente, Jung mudou o diagnóstico de Gross de neurose obsessiva para demência precoce logo após ele ter fugido de Burghölzli. Nas correspondências entre Jung e Freud, fica evidente a preocupação de Jung em encontrar uma justificativa para seu “fracasso” no tratamento de Gross. Nas mesmas correspondências, Jung ainda compara Gross a Spielrein. O que estaria em jogo, então, nessas mudanças de diagnóstico de Spielrein e Gross? Tentativa de ocultar seus próprios erros? Desejo de ser reconhecido por Freud? Essas questões não foram tão diretamente trabalhadas e são de alta relevância por desvelarem uma violência que ocorreu a partir de um (ab)uso de diagnóstico e que ainda existe nas instituições psicanalíticas.

Após o quarto capítulo, Cromberg passa a alternar textos seus com os de Spielrein, ora introduzindo-os, ora discutindo-os. O quinto capítulo é uma excelente contextualização da relevância da tese de doutorado de Spielrein. Mesmo com essa introdução, não deixa de ser surpreendente a qualidade da tese. É de uma fineza clínica impressionante. A meu ver, esse texto está no mesmo nível e, ao mesmo tempo, é um contraponto interessante da análise que Freud faz da autobiografia de Schreber. Do mesmo modo que Freud faz uma análise brilhante de uma biografia que o leva a uma excelente teorização da psicose paranoica, Spielrein faz um estudo clínico genial de um caso de esquizofrenia atendido por ela mesma. Chega a ser exaustivo o detalhamento que ela faz do caso, mas cada fragmento destacado é analisado e interpretado com ênfase nas palavras da paciente, algo inédito na psiquiatria da época. Ao lermos essa tese, é ainda maior a sensação de espanto pelo fato de ela não circular entre os psicanalistas da mesma forma que o Schreber, de Freud.

Ao final desse primeiro texto, Spielrein, de certo modo, já anuncia um ponto que será desenvolvido em *A destruição como origem do devir* (1912) – seu segundo

texto nessa edição brasileira (precedido por uma introdução e sucedido de comentários explicativos de Renata Cromberg): “a representação do ato sexual pela simbólica da morte” (p.216). No texto de 1912, ela parte da seguinte questão: “por que essa tão poderosa pulsão, a pulsão de procriação, esconde, ao lado dos sentimentos positivos que são esperados *a priori*, também outros negativos como angústia, aversão, os quais na verdade precisam ser superados para que possamos chegar ao ato positivo?” (p. 229). Para responder à questão, Sabina busca os fatos biológicos e, principalmente, os elementos psíquicos envolvidos nessa associação da psicanálise com a morte. Novamente é surpreendente o fato de que esse texto também tenha caído no esquecimento. Nessas considerações, ela acaba antecipando a teoria freudiana do segundo dualismo pulsional: pulsão de vida versus pulsão de morte. Sua tese central é a de que, como bem sintetiza Cromberg (p. 225), “o que impulsiona a transformação e a construção (criação) é a pulsão de destruição”, isto é, para que o novo surja, é preciso destruir o que já existe.

Freud apenas cita essa antecipação de Spielrein em *Além do princípio de prazer*, mas mencionando-o como um texto obscuro. Cromberg analisa minuciosamente o não reconhecimento de Freud das ideias de Spielrein, dando-nos assim, a meu ver, mais um exemplo dos jogos de prestígio e de poder existentes na história das instituições psicanalíticas, incluindo o papel de Freud em tais jogos. Creio que quem se dedicar à leitura desse texto de Spielrein logo perceberá que ela não só antecipa, mas trata de maneira mais clara que o próprio Freud desse tema tão complexo.

O terceiro texto de Spielrein presente nesse volume 1 é *A sogra* (1913). Esse pequeno texto parte também de uma questão inicial: “por que ouvimos sempre tantas coisas sobre sogras maldosas e, comparativamente, tão pouco sobre sogros maldosos?” (p. 353). Na verdade, essa questão serve mais de ensejo para se abordar o tema da diferença de gênero e, sobretudo, da feminilidade. Na introdução de *A sogra*, Cromberg nos indica como Spielrein examina sob novo ângulo alguns elementos – por exemplo, o processo de identificação primária com a mãe – presentes em *A destruição como origem do devir*. Essa mudança de perspectiva deve-se também a questões pessoais. Em 1913, Spielrein estava, além de casada, grávida pela primeira vez.

O último texto de Spielrein é, na realidade, uma carta que ela escreve a Jung no final de 1917. Contrapondo-se a Freud – que lhe recomendara, em 1914, ano de sua ruptura com Jung, ficar com ele e se distanciar do inimigo que estava diante dela –, nesse ano, ela retomou contato com Jung via correspondências por diversos motivos: para, de certo modo, enfrentar o sofrimento causado pela ruptura; compreender as novas construções teóricas de Jung; tentar reaproximá-lo de Freud e para se situar clínica e teoricamente entre ambos. A carta escolhida por Cromberg é uma das mais significativas, pois demarca simultaneamente a posição teórica de Spielrein entre Freud e Jung e sua própria concepção metapsicológica do aparelho psíquico, com uma ênfase no sistema subconsciente.

Enfim, com esse breve panorama espero ter dado uma pequena dimensão da relevância desse livro para a comunidade psicanalítica brasileira. Sua leitura é recomendadíssima!